

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRINHA

GABARITOS DO CONCURSO PÚBLICO DE PROVAS E TÍTULOS PARA CARGOS DE PEI,PEBI E PEBII PEI e PEB I

PARTE 1 – PROVAS OBJETIVAS – QUESTÕES : 01 A 40

CARGOS : PEI e PEBI

QUESTÃO	ALTERNATIVA
1.	B
2.	E
3.	C
4.	B
5.	A
6.	A
7.	E
8.	B
9.	A
10.	B
11.	C
12.	D
13.	B
14.	B
15.	A
16.	*
17.	D
18.	B
19.	A

20.	A
21.	E
22.	D
23.	C
24.	D
25.	C
26.	C
27.	A
28.	C
29.	B
30.	D
31.	E
32.	B
33.	C
34.	E
35.	C
36.	C
37.	A
38.	A
39.	B
40.	E

* anulada

PARTE 2 – QUESTÃO DISCURSIVA

RESPOSTA PADRÃO

A avaliação é “movimento”, é ação e reflexão.

Na medida em que as crianças realizam suas tarefas, efetivam muitas conquistas: refletem sobre suas hipóteses, discutem-nas com pais e colegas, justificam suas alternativas diferenciadas. Esses momentos ultrapassam o momento próprio da tarefa. E, portanto, não se esgotam nelas. As tarefas seguintes incluem e complementam dinamicamente as anteriores. A média de escores, na escola, e a concepção constativa do teste, contradizem-se a esse dinamismo. Obstaculiza, provoca a estagnação, as arbitrariedades.

O procedimento de testar e medir vem servindo sobremaneira à bandeira de justiça dos educadores. Essa justiça da precisão desconsidera, entretanto, a reciprocidade intelectual que pode se desenvolver através de um método investigativo sobre as manifestações do educando, a discussão de idéias, a argumentação e contra-argumentação aluno e professor, numa reflexão conjunta.

Em nome da justiça da precisão, o professor nunca foi tão injusto! Os instrumentos de medida, em educação, podem alcançar altos índices de fidedignidade (menor variabilidade entre os que corrigem a mesma prova), mas isto não é essencial em avaliação e, muito menos, importante. A avaliação deve significar justamente a relação entre dois sujeitos cognoscentes que percebem o mundo através de suas próprias individualidades, portanto, subjetivamente. O que importa é dinamizar essa relação ao invés de aproximá-la da precisão das máquinas.

Se valorizarmos os “erros” dos alunos, considerando-os essenciais para “vir a ser” do processo educativo, temos de assumir também a possibilidade das incertezas, das dúvidas, dos questionamentos que possam ocorrer conosco a partir da análise das respostas deles, favorecendo, então, a discussão sobre essas idéias novas ou diferentes.

Não podemos ceder a vez do diálogo aos números em nome da precisão. Assim como não devemos reduzir o processo amplo da avaliação às suas ferramentas.

Jussara Hoffman em Avaliação: mito e desafio. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1992, p.61/62.